

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

DIRECTOR

S.^e Antonio Hermano

PROFESSOR DO COLLEGIO DE S. DÁMASO



SUMMARIO

Progresso e reacção.....	<i>Rodrigo Moreno</i>
Panegirico de S. Luiz.....	<i>P.^e Hermano Amandio</i>
A. Albano Coelho (poesia).....	<i>Albano Bellino</i>
Infidelidades e offensas.....	<i>Rangel de Quadros</i>
Guy de Maupassant.....	<i>Rodrigo Moreno</i>
O Intrujão (poesia).....	<i>A. Moreira Bello</i>
Eduquemos.....	<i>P.^e Antonio Hermano</i>
Impressões.....	<i>Bruno d'Almeida</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 600 reis.—N.º avulso 100 reis.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO—GUIMARÃES

AOS SRS. ASSIGNANTES

Pedimos aos srs. assignantes o favor de satisfazerem a importancia de suas assignaturas por meio de vales ou notas ou como melhor intenderem, pois a cobrança pelo correio fica excessivamente dispendiosa.

BOLETIM DO COLLEGIO DE S. DAMASO

Não sejaes ociosos

E' este o melhor conselho que se pode dar a um joven. E' um preceito negativo é verdade; mas é uma negação fecunda: fecha a porta a muitos vicios e abre-a a muitas virtudes.

E' da maxima importancia habilitar-se a gente desde creança a economisar o tempo e preencher as horas do dia com occupações regulares, systematicas, methodicas. Uma hora de estudo consagrada todos os dias a um determinado assumpto é uma semente que ao fim d'um anno terá produzido abundante colheita. A actividade desordenada, sem plano fixo, que se perde e dissipa entre muitos objectos, é pouco melhor que a ociosidade: não basta sermos activos; é necessario que a nossa actividade seja intelligente e proveitosa.

O melhor preservativo contra a ociosidade é compenetrar-se a gente da seriedade da vida. Os ociosos são zangões, são parasitas cujo logar no banquete social é uma usurpação odiosa.

F. P.

Os Collegios

Um collegio é um aviario; implumam-se ali as avesinhas que, mais tarde já avigoradas, não de arrojarse a vôos audaciosos por distanciados espaços.

Um Collegio é um laboratorio, preparam-se ali as substancias que hão de fazer prestaveis e valiosos os cidadãos d'amanhã, esperança, sorridente dos presentes.

Um collegio é uma officina; tem obreiros, tem incudes, tem camartellos; temperam-se ali os motores do progresso.

N'esse aviario, n'esse laboratorio, n'essa officina, ha que gastar muitas forças para obter resultado que console e anime.

Aspirar a muito, trabalhando pouco, é utopico. Só uma lueta porfiada se desentranha em opimos fructos. Só uma dedicação a toda a prova consegue fazer que a grinalda de loiros

não seja substituida pela coroa de espinhos.

E' summa a importancia dos collegios. Não ha contradictal-o.

A mocidade ha-de ser o sustentaculo da sociedade e a mocidade, no geral, forma-se e informa-se n'elles.

E' preciso, pois, sem contestação, que os moldes sejam perfeitos e bem limpos de escorias. Moldes deteriorados servem só para juntar outras ás muitas e sufficientes imperfeições que por ali se mostram bem claramente á luz da publicidade.

Collegios sem os verdadeiros elementos de vida transformam-se a breve trecho, em ninhos de viboras que mais tarde hão de ejacular o seu veneno sobre a sociedade, alimentada de esperanças que se desfolharam.

Internar creanças n'esses collegios é deauperar-as physica e moralmente.

Espedaça-se o coração de dôr ao vêr o enfazamento progressivo da mocidade d'hoje.

Falta de soffida e moralisadora educação.

Falta de educadores á altura do munus. Ha-os por ali arranjados a trouxemoxe, sem os requisitos indispensaveis, e a consequencia certa é a viciação dos educandos.

N'um collegio ha que olhar-se deveras pela educação, mais ainda do do que pela instrucção.

São uteis os cidadãos muito instruidos: mais uteis ainda os bem educados.

Descurar o coração da creança para lhe tratar sómente da intelligencia, é um erro crassissimo que leva a resultados sobremodo funestos. Edifica-se sobre areia que as vagas das paixões agitam e removem. O edificio baqueia ao menor abalo.

Alicerce inconcusso são lhe os principios solidos d'uma educação esmerada.

Este o meu pensar e bem assente e bem arraigado. Amo muito as creancinhas, rosas em botão incontaminado, para as ver estioladas logo ao abrirem-se em flor.

P.º Henrique Gomes.

PROGRESSO E REACÇÃO

O progresso é uma lei fundamental da humanidade, é o seu dynamismo. Desde que o homem surgiu da noite mysteriosa da barbarie, rude como um bloco, intractavel como uma féra, sem ideias o cerebro em treva, sem sentimentos o coração de pedra e sem palavra a loquella obtusa, até hoje, que o sol da civilização illumina o mundo de polo a polo, o homem — infatigavel operario — ha conjugado forças titanescas no alargamento successivo da via triumphal do progresso. Se abro a historia, é-me uma alegria funda vê-lo sempre a caminho d'essa romaria santa. E' soberbamente bello contemplal-o atravez da longa illiada dos seculos idos, afeigoando cada pedra do templo da civilização, cada verdade scientifica, cada principio de sã moral, as leis que regem o cosmos immenso e as que regulam a vontade complexa. A essencia do proprio Deus, a natureza dos astros remotissimos, os dogmas das religiões fossilizadas, a ethnologia das raças extinctas, a glottica das linguas mortas, a vida dos micro-cosmos, os segredos que a materia occulta, as mutações das sociedades, tudo o agita e commove. Impulsiona-o a febre d'um grande ideal, sacode-o a ambição insaciavel de tudo saber.

Sublime ambição! bendito ideal! Devem-se-lhe todas as radiosas conquistas que pendem como grinaldas olentes dos panejamentos d'esse templo aureo. São os troféus de assignaladas victorias.

Sublime ambição! bendito ideal! Devem-se-lhe as sciencias com o seu cortejo lucilante de verdades, as artes com os milagres de seus primores, as industrias e o commercio que silva e freme pelos continentes e pelos oceanos. São os despojos da grande batalha da vida.

Mas esse movimento ascensional da humanidade na espiral do progresso, ha-se realisado atravez d'uma lucta homeric e tenaz. Não ha ideia nova lançada no tumultuar social, não ha esforço de genio ou de vontade que tente a reforma,

o aperfeiçoamento, o desvio da rotina, o progresso, a vida, que não suscite um tempestuoso alarido de refrega.

E' o fundo statico da sociedade a appor uma muralha de bronze á radiosa aurora; é a reacção tentando esmagar em suas preas sanguinarias o indomavel espirito humano; é a insurreição cavilosa e sordida dos interesses feridos; é o protesto impotente dos preconceitos consagrados como dogmas e enraizados como hervançum esterilizador.

Infeliz e odiosa pugna! Todos os seus esforços não conseguem pôr dique á verdade nova que surge, ao progresso que avança, á energia que se manifesta invencivel. A verdade não succumbe, não se deixa asphixiar; pode ter desfallecimentos passageiros, mas levanta-se de novo como a Phenix, sempre mais rodiosa. Que importa que por vezes a arrastem ao auto-de-fé como hereje, que a amarrem ao poste do ridiculo como doida, que a calunniem como attentatoria da moral, que pegam ao Pontifice um anathema ou á sciencia uma condemnação solemne? que importa? ella lá vac impassivel e magestosa como a aguia real amplificando sempre, sempre, os horisontes do seu dominio. Emquanto alentar as raizes no humus abençoado da convicção, não haverá guerra que a vença, nem laços bastante fortes que a amarrem. Abram as paginas da historia que é sempre lição santa e vejam se algum dia o terror melhor armado conseguiu assassinar uma ideia, esmagar uma verdade, suster a evolução. Jamais o conseguiu e jamais o conseguirá. Galileu, de joelhos, mãos sobre o Evangelho, abjurou como um absurdo, como um erro, como uma heresia a sua theoria do movimento de terra; mas conta-se que ao levantar-se, mordido de remorsos por ter feito um juramento falso, disséra batendo o pé sobre o terra. — *«E pur si move!»* E' frisante o exemplo. Não, graças a essa força incoercivel que nos arrasta para a verdade, para a luz, para o progresso, não ficaremos condemnados á immobilidade chinesa, á quietude estúpida da Sphinge, iremos, sim, nas azas niveas da civilisação, abicar a regiões cada vez mais luminosas.

Rodrigo Moreno.

PANEGIRICO DE S, LUIZ

(Continuação)

Desesete annos! Idade, em que a vida é um sonho!

Idade, em que a nossa imaginação volita de esperança em esperança, como a mariposa de flôr em flôr!

Então a vida é uma continua primavera, não ha nada que nos preocupe, nada que nos prenda a attenção. Todas as nossas aspirações, toda a nossa felicidade está nos encantos e sorrisos do mundo.

Então as paixões nascem turbulentas, indomitas, arrastam-nos ás maiores loucuras e muitas vezes de queda em queda imos ter ao abysmo da perdição.

Não ha loucuras, que se não pratiquem, prazeres, que se não desejem, seducções, que nos não arrastem, companhias, que nos não percam. Então, na expansão da vida o sangue pulsa-nos nas veias, referve e agita-se como a lava d'um vulcão, causa-nos vertigens, estenteamentos. Despertado pelo mais leve choque o coração sedento de prazer supplanta a razão, domina-a, escravis-a, e então pensamos, fallamos, e obramos, como não pensariamos, fallariamos e obrariamos completamente libertos.

Pois foi n'esta idade, ao candido desabrochar da vida, que Luiz Gonzaga trocou as seducções do prazer, as grandezas e fulgares do mundo, pelas doçuras da religião,

Ao tumultuar confuso das multidões, que se atropellam na lucta pela vida, prefere a solidão do claustro. O seu coração não o impelle para os prazeres enganosos do mundo, mas repleto d'amor divino, só quer descansar á sombra benéfica da cruz. A' corrente impetuosa das paixões oppõe a oração continua e fervorosa. Aos egoismos, injustiças e odios, em que os homens se debatem, oppõe uma caridade ardente. Não o sepultou n'um mar de vicios a lava venenosa das paixões; a todas resistiu como um valente soldado, de todas triumphou como um heroe.

A sua vida religiosa foi uma continua oração. No pro-

fundo silencio da sua cella não houve virtude, que não cultivasse: a castidade mais angelical, a obediencia mais stricta, a caridade mais ardente, a humildade mais profunda. Todas estas joias de subido preço estão engastadas na sua coroa, todas faziam d'elle já em vida um heroe, que era o espanto e a admiração dos seus companheiros.

E' assim, que se é grande na virtude. Luiz é humilde, mas deante d'elle não ha ninguem, que se não confunda; é obediente, mas esta obediencia torna-o perante os seus superiores o primeiro dos homens; é a encarnação da pureza, e esta virtude cerea-o d'uma aureola tão brilhante, d'um esplendor tal, que não ha ninguem, que se não curve á sua passagem, ninguem, que o não respeite, ninguem, que o não admire.

Que homem e que vida! Que homem tão sublime, e que vida tão immaculada e tão fecunda em exemplos d'abnegação e caridade!

Como estudante é uma aguia.

O seu genio é sublime, sua intelligencia vigorosa, sua applicação aturadissima. E assim consegue ternar-se um sabio ainda na flor da idade. Os triumphos, que alcançou, provam-o á evidencia. Eleva-se ás mais arrojadas concepções philosophicas e reduz a pó como grande polemista os argumentos dos adversarios.

O seu livro mais amado é aquella cruz! O seu mestre mais querido é o divino Jesus, principio e fim de toda a sciencia! E com aquelle livro e com este mestre resolve os mais intrincados problemas. E' a Fé e a Sciencia dando-se as mãos. E' a religião vingada do labeu, com que os incredulos tentam conspurca-la, chamando-lhe obscurantista, inimiga do progresso. E já que toco n'este ponto, não deixarei de protestar bem solemnemente contra este labeu lançado traiçoeiramente ás faces da minha amada religião, religião de meus paes, religião de todos nós. Não! A religião catholica não é inimiga do progresso! Ahi está a Historia para o demonstrar.

A nossa' religião ama e quer o progresso, como ama e quer a vida. Porém progredir não é caminhar fatalmente de

transformação em transformação para o socialismo ou para a anarchia. Progredir é caminhar para a posse do Bem absoluto, pela pratica de todas as boas acções, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, tendo sempre a Jesus por modelo, como o nosso heroe S. Luiz.

S. Luiz! Este é o heroe apresentado como modelo á mocidade estudiosa. No anno de 1729 descia lá do Vaticano um decreto, que lhe conferia esta honra suprema. Era uma coroa diamantina, que vinha aureolar-lhe a fronte. Era o padrão mais glorioso da sua virtude. Sublime missão esta! Na idade mais tempestuosa da vida quando tudo conspira contra a virtude, é bem necessario um protector como S. Luiz para nos guiar os passos inexperientes pela vereda escabrosa da vida.

Hoje as academias catholicas de todo o mundo honram-se com a protecção d'este santo, todas se alistaram nas suas fileiras. E' um exercito de jovens esperangosos, que arvoraram o pendão da virtude tendo por generalissimo S. Luiz.

Vós, sempre queridos collegiaes, tambem jurastes bandeiras na milicia de S. Luiz, filiastes-vos na sua escola, tomastel-o por modelo.

Nobre e generosa acção esta, só propria de corações bem formados. Eu vos felicito. Tendes feito esforços superiores para elevar á devida altura a vossa Associação tão bella, tão encantadora. E a prova está allí n'aquelle altar. E' aquella imagem tão sympathica e tão meiga, são estes cultos tão solemnes e tão pomposos, com que festejaes o vosso Santo. Tudo isto é muito, muitissimo, porém não é tudo. E' necessario copiar o modelo estuda-lo feição por feição para o seguirmos fielmente. Isto é o mais importante, será esta a cupula magestosa da vossa obra.

Collegiaes:

Uma das mais degradantes aberrações da nossa epoca é a incredulidade. Hoje, não sei se por vergonha se por calculo, affecta-se descrença em tudo. Hoje, confunde-se a li-

berdade com a licença, a virtude com o vício. E n'este chaos moral, n'esta orgia magna, a Religião é o alvo de todos os doestos. Tudo o que condemnar o vício, reprimir as paixões e aconselhar o bem é mau!

Deus, uma chimera!

Religião, um mytho!

Virtude, uma fraqueza impropria *d'espíritos fortes!*

Tal é a doutrina, que lá fóra no grande mundo da sociedade muitas vezes se inculca gratuita e malevolamente!

E' necessario, que estejaes d'antemão prevenidos contra estas falsas doutrinas, ainda que revestidas de formosas cores. Sede sempre firmes nas vossas crenças e não vos envergonheis de as manifestar seja deante de quem fôr, seja onde fôr. Sabei que a integridade de character, a firmeza de principios e as crenças arraigadas, é que tornam o homem grande e respeitado. Caminhae sempre de rosto levantado pela senda da virtude.

Avante! Tendes feito muito, mas de nada vos servirá se não luctardes sempre em prol das vossas crenças. Eu vos peço, que não desanimeis. Não percaes nunca de vista aquella estrella polar, que vos ha-de guiar ao céo!

Collegio de S. Damaso.

P.^e Hermano Amandio.

A

ALBANO COELHO

Por occasião do fallecimento de seu filho José Maria

CARO AMIGO.

Eu não ignoro
Que ha dores crueis na vida;
Quando as soffro, tambem choro
Com essa magua sentida.

E as lagrimas derramadas
Fazem bem ao coração;
Mas quando tarde estancadas,
Pergunto, que bem farão?

A prematura viveza
D'esse anjo que ao céu voou,
Causava a todos surpresa...
Para o ceu Deus o creou.

Lá foi... seguiu seu destino.
Deve ser para os paes conforto,
Ter junto ao solio Divino,
Seu filho que viram morto.

Soffreu muito? o soffrimento
Pertence á vida mortal
Mas após esse tormento,
Eil-o em goso perennal.

Deus o quiz: A Sua vontade,
Que todo o crente respeita,
Qual na Eterna felicidade,
Cá na terra seja feita.

Braga, 15—8—33.

Albano Bellino.

INFIDELIDADES E OFFENSAS

A' cerca de Infidelidades divergem completamente as opiniões de duas celebres escriptoras francezas.

Madame de Lafayette diz: As infidelidades perdoam-se, mas não esquecem.—Madame de Sevigné diz: As infidelidades esquecem-se, mas não se perdoam.

Um escriptor nosso, não menos celebre, pergunta: Então em que ficamos!?

Esta graciosa pergunta poderia, talvez, deixar de fazer-

se, se cada uma d'aquellas escriptoras não fallasse em sentido tão generico.

Ha muitas infidelidades, que não podem perdoar-se e muito menos esquecer-se. Outras ha, que o tempo, a indole da pessoa offendida, os conselhos e um grande numero de circumstancias, fazem perdoar e facilmente esquecer.

*

O mesmo se poderia dizer das offensas. Muitas ha, que facilmente perdoamos, ou movidos pelos sentimentos, que inspira a caridade christã; ou attendendo á pouca educação do offensor, ao seu estado, ao seu genio e á occasião das offensas.

E essas offensas tambem facilmente se esquecem; principalmente, se o offensor implora o nosso perdão; ou se humildemente reconhece o seu erro, ou se nós, directa ou indirectamente lhes démos causa.

*

Offensas ha, porem, que só poderemos perdoar por effeito dos sentimentos religiosos, ou de uma bondade e generosidade d'alma tão sublimes, que, se não fossem inspirados por taes sentimentos, seriam em nós uma prova de falta de sizo. Estas offensas, ainda que perdoadas, nunca podem esquecer, antes parece, que de dia para dia, mais se avivam na nossa mente. A lembrança d'ellas as torna cada vez mais graves; principalmente se não lhes démos causa, se nunca desconsiderámos o offensor, se este é nosso amigo, nosso parente, nosso antigo conhecido, se pela educação, posição social, conhecimentos, e convivencia com pessoas bem educadas, não tinhamos a reccar d'elle um tão infame procedimento; e finalmente se a nossa consciencia nos diz, que não merecíamos ser tratados tão indignamente.

*

Ha offensores, que parece desejarem que a offensa nunca esqueça. Fallam d'ella com frequencia e regosijam-se pelo menospreso, com que trataram os offendidos. Parece-lhes honrosa a propria conducta.

Entendem, que insultando, praticáram um feito mais sublime e digno de premio, que os feitos, que davam aos antigos heroes o direito ás honras da ovação ou ás do triumpho!

*

Seguindo os preceitos do Evangelho, não odiamos tão perversos heroes.—Santo Agostinho diz, que «pela maior parte, quando julgamos ter odio aos nossos inimigos, inadvertidamente aborrecemos nossos irmãos», e tambem, que «não imaginemos que os maus estão de balde n'este mundo e que Deus não tira d'elles algum proveito. Todo o mau ou tem vida para que se emende, ou para que o bem por elle se exercite.»—Esta doutrina encerra grandes verdades moraes e falla muito ao coração. Perdoemos as offensas, não odiamos o offensor, porque sempre é nosso irmão. Devemos acudir-lhe nos perigos; consolal-o nas amarguras da vida; protegel-o na desgraça; levantál-o, se caiu; amparal-o, se vae a precipitar-se. Quanto ao mais, porém, bem será evitar o seu contacto, mais perigoso, que o da vibora peçonhenta. Temamos a sua lingua, mais nociva, que as dentadas de um animal hydrophobo.

*

Nada de relações, com quem tem por costume o ser offensor, especialmente insultando. E a razão é obvia. Ou esse individuo já nos insultou, ou ainda não.—Se já nos insultou, evitemos um novo desgosto, causado por esse homem cruel e de coração perverso. Se ainda não nos insultou, evitemos o soffrer um desgosto, como os que elle tem causado a outros individuos.—Com este nosso procedimento, tambem fazemos um grande serviço ao insultador. Evitamos-lhe a occasião de praticar mais um acto censuravel, muito embora busque enfejos para isso, tenha n'isso vangloria e se compraza em ter

grande numero de testemunhas do que elle julga um feito heroico.

*

E' como o carvão a indole do insultador:—Este se falla ou escreve, queima, como o carvão acceso. Se, apenas, gesticula e nos olha sarcarticamente, sempre deixa em nosso espirito uma sombra negra de tristesa, como o carvão apagado deixa nodoa negra no mais candido vestido, ainda que apenas lhe róce levemente.

Aveiro.

Rangel de Quadros.

GUY DE MAUPASSANT (1)

Morreu o celebre literato. E' mais uma figura caracteristica que desapparece lugubremente.

Tiremos da vida d'este morto illustre uma lição util.

Deixa vinte volumes, a maior parte desmoralisadores, alguns ignominiosos. Maupassant descreveu quasi exclusivamente os lados vergonhosos da natureza humana.

Muito joven ainda, teve a infelicidade de se familiarisar com o poeta Bouilhet e com o romancista Flaubert cujo discipulo foi; não admira pois que entre elles se notem semelhanças numerosas: a mesma ausencia de senso moral, a mesma impiedade, o mesmo materialismo, a mesma preocupação de descripção, e o mesmo desprezo pela ideia. Flaubert tem mais talento, Maupassant mais vigor descriptivo e excede o mestre em grosseria. Pequena gloria!

Boule de suif, novella d'un cynismo brutal, vazada em bello estilo, revelou um escriptor de valia. Os applausos que lhe accolheram o escandalo incitaram-no a continuar. Não sendo pensador nem tendo larga imaginação, possuia ainda assim um grande talento de observador. A sua ambição era ver e fazer ver a verdade material directamente, sem disfarces.

(1) Sobre informações da revista—«*Études Religieuses*».

Alem de impossivel seria inutil analysar aqui a sua obra. Os mais ferventes admiradores do romancista concordam em que ella carece de fundo. E' uma collecção de descrições, de retratos, de factos collidos na realidade mais hedionda. Para elle o homem não é mais que um animal lubrico, avido e cruel, governado por appetites, sem ideal e sem remorso. O scenario varia, o fundo é sempre o mesmo. Na *Héritage* desenvolve lances da vida burocratica, *Fort comme la mort* é consagrado á vida das classes elevadas, *Bel-Ami* á burguezia e ao povo.

Uma das suas novellas mais celebres, *La Maison Tellier*, parece destinada a macular a alvura da primeira communição, da missa e de tudo quanto ha de mais delicado no catholicismo.

Se a ideia é peor o estylo é melhor que o de seus rivales. E' notoria sobretudo a sua clareza, precisão, firmeza e brilho.

Essa clareza vem-lhe sobretudo da simplicidade e vulgaridade dos assumptos: factos materiaes, costumes, movimentos animaes, pouco raciocinio, nenhuma psychologia: para comprehender tudo isso pouca intelligencia basta.

O desprezo de toda a regra moral e a affectação de se não commover nem indignar com coisa alguma, o proposito de se encerrar na reprodução exacta da vida real, contribuem poderosamente para lhe dar uma impressão de vigor e sobriedade, assim como o brilho e a nitidez de expressão derivam em parte do uso insolito de palavras violentas para exprimir coisas que costumamos velar. Tanto em Flaubert como em Maupassant percebe-se o trabalho do martelo e da lima; sente se esforço e monotonia. Jamais esse natural abandono que é a suprema graça e esses arrosos sublimes que prenunciam o genio.

Maupassant pareceu um dia desanimado em face da sua vida e da sua obra. Sua alma chafurdára sempre no tremedal das reversões. O publico principiou a convencer-se de que apesar da forma os seus romances se pareciam muito. Era a perspectiva do tedio e do desprezo. O instincto ad-

vertiu o artista de que o naufragio vinha eminente. Procurou salvar-se.

A *Revue des Deux Mondes* abriu-lhe as portas.

Eil-o agora ao trabalho, com ardor, na missão de renovar o nome e a gloria. Sahem-lhe da penna exaustas romances mais longos, mais graves, mais scientificos; mas, ai! a imaginação affeita a espectaculos grosseiros, a intelligencia sem crenças, o coração apagado, tudo lhe segredava a impotencia, a vacuidade, a exaustão maldita. Isso feriu profundamente o seu coração vaidoso. Tornou-se misanthropo e isolou-se.

Depressa o medo da loucura lhe invadiu o cerebro.

Um dia soube-se com pasmo que a razão do brilhante escriptor se havia eclipsado e entrava n'um hospital de alienados.

Fizera-se noite para sempre n'aquelle poderoso cerebro.

Não será justo ver n'esta dura infelicidade uma lição da Providencia?

RODRIGO MORENO.

O INTRUJÃO

Tem na boca a mentira disfarçada,
Nas maneiras o engano traçoeiro.
Contemplael-o? Pensareis verdadeiro
Homem de bem a vibora damnada.

Ouvil-o? Não cuidáreis refalsada
A linguagem do perfido embusteiro.
Crêdel-o? Dos amigos o primeiro
Julgáreis aquella alma empeçonhada.

Fiaes-vos n'elle? Só vosso proveito
Querer parece o torpe rufião,
E o seu só interesse tem no peito.

Ah! fugi do infamissimo villão,
Pois, de vãs apparencias a despeito,
Não é mais que vilissimo intrujão!

A. Moreira Bello.

EDUQUEMOS

O campo catholico agita-se. Percebe-se uma refluição de vida, um ardor desusado, uma electrisação fecunda n'esse poderoso organismo que eu já conheci presa d'um indifferentismo lethal.

Alto, muito alto visa tal esforço: vae direito a uma vida nova. Tenta crear uma bella sociedade espiritualista, robusta e crente, sobre os restos verminados d'uma sociedade materialista, impia e dissoluta; tenta refazer o throno glorioso de Deus sobre os escombros confusos d'um atheismo glacial e ephemero; tenta içar o divino pendão da justiça entre o charivari infame da iniquidade; tenta dissipar com as largas fulgencias moraes do Evangelho o negrume do baixo realismo ignobil.

Santissimo esforço!

Fecundissimo quizera eu tambem chamar-lhe. Para que fructifique com merecida exuberancia cumpre que seja methodico, systematico, uniforme, incondicionalmente generoso, que congregue fortes dedicações disciplinadas, que se cimente na obediencia strieta á grandeza fascinante do ideal, sem ir perder-se, marasmar-se, na teia escura do interesse, da politica ou dos preconceitos. Só assim, firme como a convicção, reflectida como a astucia, generosa como a bondade, será fecundo seminario de revivescencia espiritualista, essa palpitacão esperançosa e nova da alma catholica. Deve sobretudo, se não quizer lançar ao vento do desperdicio o mais do seu trabalho, ir ao inicio germinal da sociedade, descer á sua mesma cellula—a juventude—e fundar ahi n'esse humus virgem e caroavel o resistente alicerçamento basilar do futuro.

Sim, nós, os apostolos da ideia espiritualista, se não queremos entreter-nos a fazer castelinhos de papelão, com que a mais tenue aragem brinca, se queremos edificio forte que nem as rajadas magoem, principiemos pelo principio, intrincheiremo-nos n'essa formidavel cidadella—a educação—.

Como arma de propaganda religiosa tem uma força que mal se calcula; vale mais, muito mais que todas as tribunas.

As ideias, os principios que lograrmos inculcar no espirito da mocidade de hoje serão a crença, o molde informador da sociedade de amanhã.

A juventude assimila d'uma maneira prodigiosa, guarda, grava inolvidavelmente, fundamente, n'alma, tudo o que persistentemente lhe ensinam. Nada mais fecundo do que as primeiras ideias lançadas n'um espirito: são germes; são sementes. E que singular viveza a dos ensinamentos adquiridos no trabalho mental dos primeiros annos!

Que exacção e que prodigiosa fidelidade!

Que respeito mesmo e que veneração por elles!

Quem ha ali que não sinta reflectirem-se-lhe luminosamente, clarissimamente, na memoria, os annos jubilosos da mocidade, recamados de alegrias santas e nimbados de saudades pungentes? Quem ha ali que pela vida além, não tenha vezes innumeradas obedecido instinctivamente aos bons conselhos d'um mestre prestigioso da sua infancia?

A educação é deveras um farol levantado á entrada da vida, cuja estrada toda as suas reverberações illuminam. Não podemos duvidal-o, a educação impera sobre os nossos menores actos, mesmo a nosso pezar, mesmo sem que o suspeitemos: abraça-nos, enreda-nos como as lianas abraçam e enredam o tronco a que se aferram: é a directriz, o polo da nossa vida. Boa, será anjo da guarda; má, será o genio da perdição. Cimentada nos principios religiosos, angelisará a humanidade, desajudada de taes principios conduzirá precipite á ruina moral e social.

E' portanto a educação, o vero principio do renovoamento social; é n'ella que os homens d'acção e de vontade devem concentrar as forças do seu beneficente apostolado.

P.º Antonio Hermano.

IMPRESSÕES

Assistimos ultimamente a um esplendido certame de patriotismo a proposito do concilio de Badajoz. Esse sentimento nobilissimo encontra sempre na minha alma portugueza um entusiasmo vivo, ardente, fanatico; d'esta vez porem não se me commoveu o espirito frio ante as pompas d'esse arruido. Saem porque? Porque esses que hoje se despolmonam em vivas retumbantes á patria foram os mesmos que entre orgias a conduziram ao cairel d'um enorme abysmo!

*

Estamos na estação das romarias. O nosso povo alegre e descuidado por indole, encontrando n'ellas expansão e alivio para a faina dura do campo, accorre em massa ao arraial em festa.

Se pensarmos que aquella multidão de muitos milhares vem ali chamada pela devoção, illudimo-nos totalmente. Os santos são o pretexto: o motivo são os fulgedos. N'aquelle tumultuar picado de alegrias, as deidades paganicas ainda hoje disputam a palma aos heroes do christianismo.

Não se percebe ali a palpação mystica e dolente da religião de Jesus, não se ora, não se levanta ao ceu uma prece sentida: os santos estão nos seus altares n'um isolamento lacrimoso, nostalgico. E' uma profanação do culto, mas é tambem uma expansão irriprimivel do genio do nosso povo.

*

Ha dias entrava eu n'uma carruagem, poeirenta e desongonçada, anachronica, barbara, como soem sê-lo as que fazem carreira entre as nossas povoações provincianas. Entre o pitoresco grupo de passageiros vian-se dois jovens sacerdotes. Pela barba ceifada e pela golilha desairoza foi que eu os conheci como taes; pelo porte não, nem pelo vestir. O traje desalinhado afugentava o respeito e a conversa sem gravidade, nem pudor, espavoria-o! Sentí ruborisarem-se-me as faces.

Taes aberrações, infelizmente numerosas, são duplamente culposas: com a deshonna propria promovem o desprestigio da respeitavel classe que tem a desventura de os contar no seu gremio.

*

Está-se mercadiljando vilmente com a instrução da mocidade Abrem-se casas que só por ironia se podem chamar *de educação*. São filhas genuinas da ganancia: tem um alvo unico—o interesse—. Para quem assim infamemente trafica com o que ha de mais sagrado, o coração do joven, a sua alma innocente, são moedas que não correm. Que lhes importa que a flor palustre da immoralidade vice exuberantemente? que importa que a impiedade enrede com laços de vibora o espirito inquiridor da creança? Que lhes importa isso a elles aos sacerdotes do *Deus dinheiro*?

*

Recebemos o *Relatorio do Apostolado da Oração em Portugal*. Por elle se vê quanto esta grande obra de piedade reparadora está ramificada e consolidada em todos angulos do continente e colonias.

N'uma pagina de agradecimento aos Directores diocesanos e locaes, synthetisa assim o benemerito Director Central, Rev. Bento J. Rodrigues, os beneficios do pio Apostolado: «Ao verdes tanta dedicação e tantos esforços, coroados de tão bellos e sazonados fructos, o asseio cada dia mais notavel das egrejas e o progressivo desenvolvimento da catechese, com o auxilio de tantas Zeladoras incansaveis, sob a direcção dos respectivos Parochos; a palavra divina solidamente exposta e fructuosamente ouvida; o esplendor cada vez maior nos actos do culto religioso, especialmente nas festas, do Apostolado da Oração; a variedade encantadora de praticas pias, tão fecundas no exercicio de todas as obras de misericordia, quer corporaes, quer espirituaes; o numero consideravel de conversões alcançadas em arduas circumstancias; a propagação do uso devoto dos Sacramentos no decurso do anno, e particularmente durante os triduos que costumam preceder as festas do Sagrado Coração, imprimindo-lhes assim um character de solida piedade; o afervorado espirito de reparação na communhão frequente, e essas tão edificativas communhões geraes de meninos e adultos de todas as classes;—ao verdes tudo isto, que é fructo do vosso zelo, como não haveis de bendizer a «Senhor e sentir no intimo de vossas almas a mais doce e pura consolação?»

Os nossos votos mais fervorosos são pela prosperidade constante da beneficentissima obra.

Bruno d'Almeida.

Suum cuique

O Collegio de S. Damaso no primeiro anno da sua existencia teve 127 exames e só 12 reprovações. D'estes exames, 16 foram feitos em outubro e os restantes em junho, e alem d'isso (pondera-se) todos no Lyceu do Porto e Braga.

A' vista de taes numeros, affirmei então e affirmo hoje, que nunca collegio algum obteve um tão pequeno periodo d'existencia um exito que eguale ou exceda o do primeiro anno do Collegio de S. Damaso.

Reivindicar esta gloria é um dever que não só um direito.

A. II.

A Imprensa e o Collegio

Muitos jornaes referiram-se com palavras de rasgado elogio ao exito excepcionalmente brilhante que o Collegio obteve este anno nos exames. Entre elles tem jus a uma especial menção e ao nosso sincero agradecimento os seguintes: — *Religião e Patria, Palavra, Jornal de Noticias, Primeiro de Janeiro, Voz Publica e Vida Moderna.*

Admissões

Tem havido consideravel numero de admissões. Felizmente, graças a umas pequenas obras, o edificio do Collegio ficará em condições de acomodar um numero d'alumnos bastante mais crescido do que o anno passado.

Aulas no mez de Setembro

Continuarão a funcionar as aulas de Portuguez, Francez, Geographia e Inglez, durante Setembro, não só para alumnos que tenham de fazer exame mas tambem para *quaesquer* outros.

A Direcção.

O P.^e Oliveira

Deixou de fazer parte do corpo docente d'este Collegio. Resolveu fixar residencia no Porto, que é a terra da sua predilecção. Deixa profundas saudades não só entre collegas mas tambem entre alumnos; o seu character bondoso, franco, leal e dedicado faziam-o estimado e respeitado de todos. O Collegio deve-lhe uma importante obra de piedade e de educação—a Associação de S. Luiz—.

Discurso

No dia 15 de agosto, orou na festividade de N. S. da Oliveira em Guimarães o illustrado professor d'este Collegio rev. Henrique Gomes. Discurso primoroso e exposição distincta. A imprensa referiu-se ao notavel discurso com palavras de justissimo encomio.

Os nossos parabens calorosos.



PREMIOS E DISTINCCÕES

Instrucção primaria

- Premios — I Manoel Lopes Leite de Faria
II Abel A. de Freitas Torres
Distinctos — 1 Abilio Antunes d'Azevedo
2 Alfredo Mendes da Silva
3 Amilcar Barca Martins da Cruz
4 José Casimiro da Costa
5 Herculano Xavier Teixeira Guimarães
6 Manoel José Martins.

Portuguez

- Premio — I Altino da Costa Maia

BOLETIM DO COLLEGIO DE S. DAMASO

- Distinctos — 1 Antonio M. Peixoto do Amaral e Freitas
2 Abilio Antunes d'Azevedo
3 Alberto de Sampaio Bastos
4 Augusto de Campos Pinto
5 Arnaldo Vieira Neves da Cruz
6 Manoel F. dos Santos Sol.

Francez

- Premio* — I Augusto de Campos Pinto
II Antonio M. Peixoto do Amaral e Freitas
Distinctos — 1 Altino da Costa Maia
2 Antonio Augusto d'Oliveira
3 Arnaldo Vieira Neves da Cruz
4 Arlindo Candido Martinó
5 Alberto M. de Sampaio Bastos
6 Antonio Maria de Pinho e Sousa
7 Manoel F. dos Santos Sol.

Geographia

- Premios* — I Albino d'Azevedo Maia
II José Sumavielle
Distinctos — 1 Manoel Antunes d'Azevedo
2 Fernando Mendes de Vasconcellos
3 Nicolau d'Arrochella Vieira d'Almeida Sodré.

Inglez

- Premios* — 1 José Sumavielle
II Albino d'Azevedo Maia
Distinctos — 1 Manoel Antunes d'Azevedo
2 José Ribeiro Moreira de Sá e Mello
3 João Monteiro de Meira
4 José Carneiro Leão Queiroz
5 Serafim Fernandes de Lima
6 Bernardino de Sousa
7 Fernando Mendes de Vasconcellos.

Historia

- Distincto — 1 Alberto Novaes da Costa Leite.

Latim

- Premio* — 1 Luiz Augusto d'Araujo
Distincto — 1 Albano Gustavo Mesquita Cirne.

Mathematica

- Distinctos — 1 Joaquim Hermano Mendes de Carvalho
2 Avelino Augusto Vieira Pinto
3 Basilio Augusto Vieira Pinto.

Physica

- Premios* — I Luiz Augusto d'Araujo
II Joaquim Hermano Mendes de Carvalho
Distincto — Francisco Barbosa Sotto-Maior.

Philosophia

- Distincto — Francisco Barbosa Sotto-Maior.

Litteratura

- Distinctos — Joré Ribeiro Guimarães
Antonio da Fonseca Pereira Guimarães.

Desenho

- Premio* — José Sumavielle
Distincto — José Ferreira Leite.
-